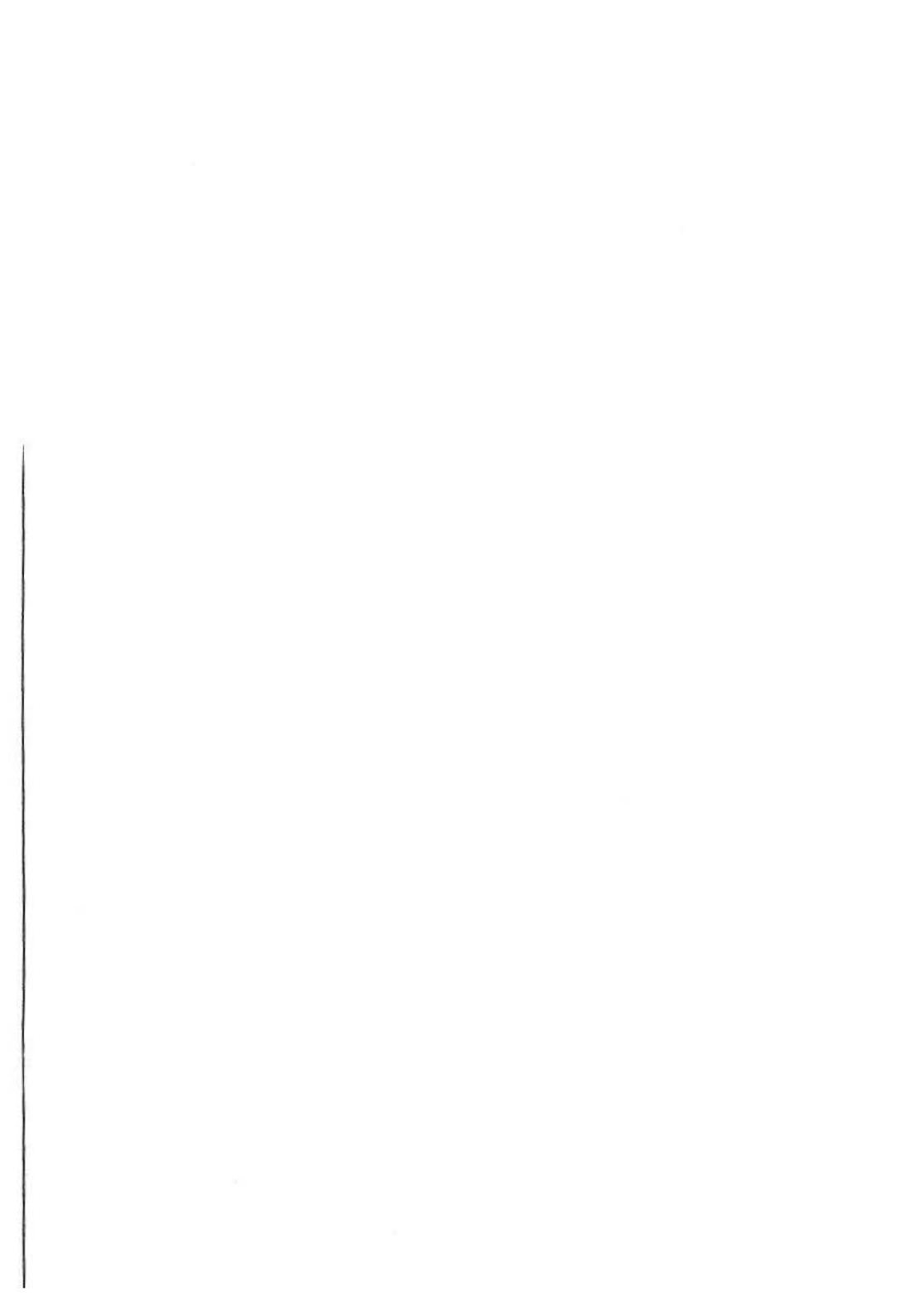


Da Imortalidade da Alma e Outros Textos Póstumos

David Hume



Da Imortalidade da Alma



Coleção Filosofia, 12

David Hume

Da Imortalidade da Alma e Outros Textos Póstumos

Tradutores

Daniel Swoboda Murialdo

Davi de Souza

Jaimir Conte



Editora UMIJUI

Ijuí
2006

Títulos Originais:

Of the Immortality of the Soul, 1757

Of Suicide, 1757

My own Life, 1777

Letter from Adam Smith, LL.D. to William Strahan, Esq. 1777

An Account of My Last Interview with David Hume, Esq. 1777

© 2006, Editora Unijuí

Rua do Comércio, 1364

98700-000 - Ijuí - RS - Brasil -

Fone: (0__55) 3332-0217

Fax: (0__55) 3332-0343

E-mail: editora@unijui.tcche.br

Http://www.editoraunijui.com.br

Editor: Gilmar Antonio Bedin

Editor-Adjunto: Joel Corso

Capa: Elias Ricardo Schüssler

Ilustração da Capa: Xavier Mellery (1845-1921) – *L'immortalité*

Responsabilidade Editorial, Gráfica e Administrativa:

Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste
do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí; Ijuí, RS, Brasil)

Catálogo na Publicação:

Biblioteca Universitária Mario Osorio Marques – Unijuí

H921d Hume, David
Da imortalidade da alma e outros textos póstumos /
David Hume. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2006. – 84 p. – (Coleção
filosofia ; 12).
ISBN 85-7429-558-2
1. Filosofia 2. David Hume 3. Imortalidade 4. Alma
5. Suicídio I. Título II. Série

CDU : 1HUME

14

141

Editora Unijuí afiliada:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Com a coleção *Filosofia* a Editora Unijuí soma-se às iniciativas editoriais que publicam obras que se inscrevem no complexo horizonte das reflexões filosóficas de nossa época. A coleção inicia no ano em que o curso de Filosofia desta universidade comemora 45 anos e visa a dar publicidade a textos que, sob diferentes perspectivas e compreensões, contribuam para estimular e consolidar o atual e relevante interesse por temas e escritas de caráter filosófico.

Conselho Editorial

Aloísio Ruedell – Unijuí
Antônio Sidekum – Faccat
Cecilia Pires – Unisinos
Edmilson Alves de Azevedo – UFP
Ernildo Stein – PUC/RS
Hector Benoit – Unicamp
Humberto Aparecido de Oliveira Guido – UFU
Inácio Helfer – Unisinos
João Carlos Brum Torres – UFRGS
Maria Constança Peres Pissara – PUC/SP
Maria das Graças Souza – USP
Míroslav Mílovic – UnB
Noeli Dutra Rossatto – UFSM
Oswaldo Giacóia Jr. – Unicamp
Odilio Alves de Aguiar – UFC
Renato Janine Ribeiro – USP
Róbson Ramos dos Reis – UFSM
Rodrigo Duarte – UFMG
Sérgio Lessa – Ufal
Scarlett Marton – USP
Wolfgang Leo Maar – Ufscar

Comitê Editorial

Claudio Boeira Garcia – Unijuí
Paulo Denisar Fraga – Unijuí
Vânia Dutra de Azeredo – Unijuí
Joel Corso – Editor-Adjunto da Editora Unijuí

Sumário

Apresentação	9
<i>Jaimir Conte</i>	
Da imortalidade da alma	15
<i>Tradução de Davi de Souza</i>	
Do suicídio	29
<i>Tradução de Jaimir Conte</i>	
Minha vida	47
<i>Tradução de Daniel Swoboda Murialdo</i>	
Carta a William Strahan	61
<i>Adam Smith</i>	
<i>Tradução de Jaimir Conte</i>	
Última entrevista com David Hume	71
<i>James Boswell</i>	
<i>Tradução de Daniel Swoboda Murialdo</i>	
Cronologia	81
Nota sobre as traduções	83

Apresentação

Este livro reúne três textos póstumos do filósofo e historiador escocês David Hume (1711-1776): os ensaios “Da imortalidade da alma” e “Do suicídio”, e a autobiografia “Minha vida”. Inclui também dois relatos sobre os últimos dias de Hume: a “Carta a William Strahan”, de Adam Smith, e a “Última entrevista com David Hume”, de James Boswell.

Os ensaios “Da imortalidade da alma” e “Do suicídio” foram escritos por Hume no final de 1755 e encaminhados ao editor Andrew Millar, juntamente com outros três textos: “História natural da religião”, “Das paixões” e “Da tragédia”, a fim de serem publicados num volume intitulado *Cinco dissertações*. O livro foi impresso e várias cópias distribuídas antes de sua publicação. Diante de algumas críticas, contudo, que – somadas às reações negativas já suscitadas pelos seus ensaios “Sobre os milagres” e “De uma providência particular e de um estado futuro”, publicados em 1748 –, apontavam a perspectiva de uma condenação eclesiástica, Hume decidiu não levar adiante a publicação dos dois ensaios. Solicitou, então, que fossem retirados do volume. Como os exemplares já haviam sido impressos, o editor preci-

sou cortar, literalmente, as páginas correspondentes aos dois textos e em substituição encadernar o ensaio “Do padrão do gosto”. O livro foi publicado em 1757 sob o título, agora, de *Quatro dissertações*.

Os ensaios cortados das *Cinco dissertações* apareceram anonimamente em 1770 numa tradução francesa, aparentemente sem a autorização de Hume. Pouco tempo antes de sua morte, ocorrida em 25 de agosto de 1776, ele acrescentou uma cláusula a seu testamento, expressando o desejo de que o editor William Strahan (1715-1785) publicasse postumamente seus *Diálogos sobre a religião natural* – outra obra considerada demasiado subversiva e que por razões prudenciais não tinha sido publicada até então – podendo acrescentar, se julgasse conveniente, os ensaios sobre o suicídio e sobre a imortalidade. Em 1777 eles foram editados sob o título *Dois Ensaios*, mas não é certo que sua publicação tenha sido feita por William Strahan, pois nem o nome do autor nem o do editor apareceram na edição. Somente em 1783 ambos os textos foram publicados mais abertamente e desta vez com a indicação do nome do autor.

Como podemos ver, os ensaios de Hume causaram polêmica a ponto de sua publicação oficial ter ocorrido apenas após sua morte. Uma breve síntese dos argumentos apresentados nos dois textos confirma seu caráter controverso e a defesa de opiniões totalmente contrárias à religião.

No ensaio “Da imortalidade da alma” Hume apresenta vários argumentos contra a crença de que alma humana é imortal. Ataca ao mesmo tempo todos os argumentos a favor de uma

doutrina religiosa, questionando tanto as razões metafísicas, como as morais e físicas, oferecidas como evidências a favor da imortalidade humana. O argumento de Hume contra a imortalidade é baseado, essencialmente, em seu empirismo. Como afirma quase no final do ensaio, “por meio de que argumentos ou analogias podemos provar um estado de existência que ninguém jamais viu e que não se assemelha a nada do que temos visto até agora? Quem depositará tamanha confiança numa pretensa Filosofia a ponto de admitir, sob seu testemunho, a realidade de um lugar tão maravilhoso?” (p. 27, *infra*).

Tendo mostrado que não temos nenhuma base para inferir a imortalidade da alma a partir de nossa experiência finita e aparentemente mortal, Hume termina o ensaio com a conclusão cética de que não podemos obter conhecimento da imortalidade por meio de nossos sentidos ou de nossa razão. Neste sentido, o título do ensaio é enganoso. Se o leitor, seduzido pelo título, espera encontrar apoio para sua crença na imortalidade da alma, engana-se. O que na realidade Hume faz é pôr em dúvida as razões que temos para acreditar que a alma é imortal.

Outra posição igualmente contrária à religião é expressa no ensaio “Do suicídio”. Contra todas as doutrinas religiosas, que sempre condenaram o suicídio, Hume alega que o suicídio não é imoral nem irreligioso. Argumenta que toda pessoa deveria ter o direito de decidir se quer continuar a viver ou não. Apresenta, assim, um sério desafio às opiniões religiosas aceitas, na medida em que justifica, racionalmente, um ato expressamente condenado pela ortodoxia cristã.

Hume afirma que quando a filosofia se volta para a análise do suicídio, ela se torna um antídoto contra a superstição e a falsa religião. A opinião filosófica segundo a qual o suicídio é um crime depende de se o ato constitui ou não uma falta para com Deus, para com o próximo ou para conosco. Segundo o argumento de Hume, dado que a vida humana depende das leis gerais da matéria e do movimento, não constitui nenhuma ofensa contra a Providência divina mudar a aplicação dessas leis. Dado que podemos alterar todos os tipos de eventos naturais, afirma, por que não poderíamos alterar também aqueles envolvidos na conservação de nós mesmos? Por que admitimos e apoiamos a alteração do curso dos eventos naturais para benefício dos homens, mas dizemos que mudar nossa própria natureza terminando uma vida de sofrimento é uma revolta contra nosso criador? Quando se considera o efeito social do suicídio, argumenta Hume, o homem que se suicida não faz nenhum mal à sociedade; ele simplesmente deixa de fazer um bem. Hume conclui que, “se consideramos o suicídio um crime, então só a covardia poderia nos levar a cometê-lo. Se não o consideramos um crime, a prudência e a coragem juntas deveriam nos levar a livrarmos-nos de uma vez da existência, quando ela se torna um fardo. A única maneira pela qual poderíamos ser úteis à sociedade seria dando um exemplo que, se fosse imitado, preservaria para toda pessoa a oportunidade de felicidade na vida, e a libertaria eficazmente de todo perigo e de toda a miséria.” (p. 44, *infra*).

O terceiro texto de Hume aqui traduzido é sua autobiografia “Minha vida”. Apesar de ser uma obra despretensiosa, vale lembrar que também ela provocou controvérsia religiosa. Como

os amigos de Hume, Adam Smith (1723-1790) e Samuel Jackson Pratt (1749-1814), publicaram afetuosos elogios descrevendo como ele morreu sem qualquer preocupação com uma vida após a morte, os críticos religiosos responderam condenando esta injustificável admiração da infidelidade de Hume.

Os elogios de Adam Smith a Hume podem ser lidos na carta ao editor William Strahan, aqui traduzida.

Publicada juntamente com a autobiografia “Minha vida”, em 1777, a “Carta a William Strahan” dá detalhes sobre os últimos dias de Hume, sobre seu estado de saúde, enfatizando sua serenidade de espírito e bom humor diante da morte.

Um outro retrato importante sobre a vida, caráter e opiniões de Hume aparece na “Última entrevista com Hume”. Escrita por James Boswell (1740-1795) – autor escocês que conviveu com importantes personalidades de sua época, como Rousseau, Voltaire e Samuel Johnson, de quem escreveu uma biografia –, a “Última entrevista” foi publicada em 3 de março de 1777.

Como o leitor poderá notar, os textos aqui reunidos constituem peças importantes para a nossa compreensão da filosofia de David Hume bem como para a imagem que dele podemos formar.

Jaimir Conte

doutor em Filosofia pela USP,
professor do Departamento de Filosofia da UFSC